

Campanha de Quaresma 2017 da MISEREOR

Texto-base

PREFÁCIO

O mundo está repleto de boas ideias. Deixe-as crescer!

A África - um continente cheio de boas ideias! É essa a imagem que temos da África? Ou são outras coisas que logo nos vêm à mente: crises, guerras, catástrofes, doenças, corrupção. Ou pensamos primeiro nos "Big Five", os cinco grandes mamíferos: elefante, rinoceronte, búfalo-africano, leão, leopardo? Ou antes nos 4 "D": democratização, diversificação, descentralização, dinamização?

No Livro do profeta Isaías, Deus diz ao seu povo desanimado, desilusionado e desabrigado: "Eis que faço uma coisa nova! Já está despontando, não o percebeis? (Is 43,19) Esta frase poderia muito bem ser dita por um dos camponeses ou camponesas de Burkina Faso que estão no centro da Campanha de Quaresma deste ano.

A África merece um olhar novo, um olhar atento. Sobretudo Burkina Faso, o país parceiro da nossa Campanha de Quaresma 2017. Burkina Faso integra a lista dos dez países mais pobres do mundo. Não obstante, tem uma sociedade civil muito viva que, após um longo regime político autoritário e uma tentativa de golpe militar, conseguiu impor eleições democráticas e que agora procura e aguarda uma melhoria das suas condições de vida. O país tem camponeses e camponesas muito engenhosos que, com uma força inexaurível e uma criatividade inesgotável, buscam soluções para os seus problemas do dia-a-dia e cuja inventividade surpreende até mesmo os cientistas agrícolas.

Burkina Faso é um país com um nome programático: "A terra das pessoas íntegras". Convidamos-vos a conhecer estas pessoas íntegras. Como todos os seres humanos precisam de apoio e solidariedade. Cada pessoa tem forças e necessidades. Isso sabem muito bem os habitantes do Sahel, região que cobre grande parte de Burkina Faso. A teóloga Anne Béatrice Faye presume que sobretudo a experiência da necessidade fez do povo burkinabé pessoas generosas, com um profundo sentido de comunidade e solidariedade. Conhecem as situações em que precisam dos outros e sabem o que podem dar aos outros. Assim, cresce em uma vida simples a riqueza das relações humanas.

Para além do afro-pessimismo trivial ("A África está perdida. Não tem futuro") e do afro-optimismo ingênuo ("O futuro do mundo depende da África"), defendemos um olhar realista sobre este "espaço aberto, livre, não pavimentado, não limitado por nada, desimpedido" (R. Kapuscinsky) a que chamamos África. Conforme disse Horst Köhler, no seu discurso pronunciado em 16.03.2016 no parlamento federal alemão, por ocasião da Conferência da África, "precisamos de um novo olhar, imparcial sobre a África, um novo falar sobre a África, livre de eurocentrismo, plena de curiosidade e abertura para este nosso continente vizinho, com toda a sua diversidade e contrariedade, suas oportunidades e desafios."

Este olhar nos faz ver que não há só *uma* solução para as muitas questões. Para tanto, requerem-se muitas abordagens, experiências e pesquisas, tanto a nível teórico como prático. Erros e falhas serão inevitáveis. Neste texto-base apresentamos algumas abordagens de solução e ação que podem servir como base para discussão.

Os africanos e africanas, diz Anne Béatrice Faye, são "filhos da meia-noite". "Nascidos à meia-noite, os estados africanos da África têm que atravessar o tempo mais escuro da noite, antes de poderem descobrir uma nova aurora no horizonte." (Moerschbacher)

A Quaresma de 2017 deve ser para nós - ao lado das pessoas em Burkina Faso - uma tal viagem de descoberta. Convidamos-vos a acompanhar-nos nesta viagem.

Pirmin Spiegel, Diretor Geral, MISEREOR

Mais vale ver uma coisa uma vez do que ouvir cem vezes sobre ela. Na África, há pobreza e muitos outros problemas, mas não esqueçamos que os africanos querem desenvolver-se. Há gente que trabalha arduamente para se desenvolver. É preciso informar também sobre isso e não apenas sobre guerras e outros problemas.
Djeni Lekoun, responsável pelo setor de investigação-ação na DIOBASS

VER

BURKINA FASO - Dados principais

Regime: República

Chefe de estado: Roch Marc Christian KABORE

Feriado nacional: 11 de dezembro / Dia da independência

Moeda: Franco CFA (XOF), 1 EUR = 656 XOF aprox.

Línguas: Francês (língua oficial) e línguas de outros grupos étnicos

Área: 274 200 km²

Capital: Uagadugu

Religiões: O islã é a religião predominante. Existe uma minoria católica influente e, além disso, diferentes religiões nativas.

População: aprox. 19 milhões

Estrutura etária: Aproximadamente a metade da população tem menos de 17 anos

Crescimento demográfico: 3%

Índice de desenvolvimento humano / IDH: 0,402; integra o 183º lugar na lista de 188 países (Alemanha = 0,916; ocupa o 6º lugar no ranking)

Principais produtos de exportação: Ouro e algodão

Relações econômicas entre Burkina Faso e a Alemanha: De baixo nível. Em 2014, Burkina Faso manteve a 149ª posição em termos de volume do comércio externo com a Alemanha.

O trabalho da MISEREOR: Desde há 50 anos, MISEREOR fomenta projetos em Burkina Faso (que até 1984 se chamava Alto Volta). Os eixos das estratégias de apoio são, atualmente, o abastecimento de água, a segurança alimentar e a prevenção da violência. Sustentabilidade ecológica e participação popular são contempladas como temas transversais na cooperação com parceiros em Burkina Faso.

Fontes:

Instituto Nacional da Estatística e Demografia de Burkina Faso (INSD), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão

Observação: As estatísticas variam muito, são geralmente desatualizadas e pouco precisas. Neste texto só foram utilizadas estatísticas incontestáveis, atuais e oficiais. Trata-se de dados e fatos provenientes das publicações mais recentes das entidades acima mencionadas. No que diz respeito às religiões, prescindimos, deliberadamente, de números, dado que as variações são demasiado grandes. Uma classificação qualitativa nos parecia mais adequada.

BURKINA FASO: "A TERRA DAS PESSOAS ÍNTEGRAS".

Burkina Faso é um país com muitas facetas, em vários sentidos. É um país localizado à África ocidental que obteve a independência em 1960 e que, até 1984 se chamava República do Alto Volta. É um dos países mais pobres do mundo.

A renomeação do país é uma expressão visível da criatividade e vitalidade de um povo que busca soluções para os seus problemas.

O nome Burkina Faso é uma mistura das duas principais línguas do país: more e dioula. Burkina, em more, significa "justo ou íntegro". Faso, em dioula, significa "terra natal", o que resulta em "terra das pessoas íntegras".

Digno de notar é, além disso, como os cidadãos e cidadãs do país se autodesignam: Chamam-se "burkinabé". A terminação ,é' é invariável, quer se trate do masculino, quer do feminino, do singular ou do plural. Esta terminação provém de uma outra língua nativa: fulfulde. ,é' quer dizer "afiliação" em fulfulde.

Há muito tempo que Burkina Faso atribui uma elevada importância à cultura. O país vem ganhando prestígio e reconhecimento no domínio cultural, tanto a nível nacional como internacional. A atração do país neste setor se manifesta em dois importantes eventos culturais que são realizados alternadamente: O bienal Festival de cinema Pan-Africano chamado FESPACO, que tem lugar na capital Uagadugu, e a Semana Nacional da Cultura, que é organizada na segunda maior cidade Bobo-Dioulasso.

Em Burkina Faso, a cultura é utilizada de forma constante e coerente para abrir a mente, para promover a solidariedade e coesão entre os diferentes grupos étnicos e para possibilitar uma convivência pacífica.

Na era pós-colonial conseguiu-se desenvolver e divulgar em Burkina Faso uma cultura centrada na ação. A cultura não é entendida como simbolismo abstrato e imutável. Ela é um

ato político, é a reflexão contínua e dinâmica sobre preservação e renovação. Ela é sinônimo de um espírito criador, consciente da sua tradição.

Esta compreensão de cultura é que, na história mais recente do país, fez surgir fortes movimentos sociais e tem provocado profundas mudanças políticas. Não se deve subestimar o papel dos artistas criativos em greves, revoltas populares e queda de regimes, como também na democratização e promoção dos direitos humanos em Burkina Faso.

Esta compreensão de cultura contribuiu igualmente para consolidar a ideia do esforço pessoal em todas as camadas da sociedade burkinabé. Isso explica por que os camponeses e camponesas em Burkina Faso tomam o seu destino nas suas próprias mãos, com humildade mas ao mesmo tempo com firme determinação: Não esperam que as soluções para os inúmeros problemas venham cair do céu. Sabem e mostram que as respostas aos seus desafios devem e podem provir dos seus músculos e do seu cérebro. Portanto, a solidariedade que esperam dos seus concidadãos consiste em duas coisas muito simples: não os impedir de solucionar os seus problemas e escutá-los.

“Certamente somos favoráveis a uma ajuda que nos ajude a não precisar de ajuda” Thomas Sankara, presidente de Burkina Faso 1983-1987, em discurso na ONU em 04/10/1984.

A sociedade civil, muito ativa, contribuiu decididamente para a realização de eleições presidenciais em 29 de novembro de 2015, em que o político da oposição e antigo primeiro ministro Roch Marc Kaboré foi eleito presidente, com 53,49% dos votos. Agora, as expectativas em relação ao novo governo são muito grandes.

**“Meu país Burkina Faso é a terra das pessoas íntegras. Muitos grupos étnicos convivem aqui. Um país, em que a maioria da população vive da agricultura, cultivando sorgo, milho e algodão.”
Salam Sawadogo, um camponês de Gambre Sale**

PROJETOS APOIADOS POR MISEREOR EM BURKINA FASO

A situação em Burkina Faso é desafiante. Não só para as pessoas que lá vivem, como também para nós. Os burkinabé devem agir. Antes de começarmos a refletir o que nós podemos e devemos fazer agora, e antes de trazermos à colação as nossas responsabilidades, ideias e abordagens, deveríamos ver primeiro o que os nossos parceiros fazem eles mesmos. Que ações empreendem para remediar a situação de pobreza, a fome e as carências educativas? Como lidam com os seus recursos, seus conhecimentos, suas possibilidades e em que direção estão conduzindo o seu desenvolvimento?

Encontramos as respostas no trabalho das nossas duas organizações parceiras DIOBASS e PASMEP. Este olhar sobre as iniciativas em Burkina Faso é inspirado pelo lema da Campanha de Quaresma: O mundo está repleto de boas ideias. Deixe-as crescer!

COM CRIATIVIDADE IDENTIFICAR NOVOS MÉTODOS AGRÍCOLAS

O projeto da DIOBASS, organização parceira da MISEREOR em Burkina Faso

DIOBASS apoia desde 1990 grupos de investigação-ação na busca de soluções locais para os seus problemas, como também para explorar as suas próprias potencialidades. Não só se aposta nos conhecimentos tradicionais. A DIOBASS apoia um processo de aprendizagem conjunta, em que a equipe e os beneficiários experimentam e desenvolvem conjuntamente novas soluções que os grupos alvo depois vão disseminando nas suas comunidades.

“As nossas galinhas e galinhas-d’angola adoeciam frequentemente. Muitas morreram”, lembra-se Salamata Ouédraogo. A senhora de 53 anos está sentada na sua horta, nas imediações da aldeia Toeghin. Para a mãe de seis filhos, viúva desde há alguns anos, a morte de cada animal era uma pequena catástrofe. Em Burkina Faso, cerca de 80% da população vive da agricultura e da criação de animais. O manejo de galinhas e galinhas d’angola é tarefa das mulheres e constitui uma fonte de renda importante. Salamata Ouédraogo já não queria se conformar com as galinhas doentes, a falta de ovos e preços exagerados para o tratamento de doenças dos animais. Quando visitou uma oficina da organização parceira da MISEREOR, DIOBASS, estava claro para ela: queria agir, queria pesquisar e desenvolver remédios eficazes contra parasitas, diarreia e outras doenças de animais.

Está é exatamente a área de atuação da organização não-governamental DIOBASS que foi constituída em 1997 e tem a sua sede na capital de Uagadugu. Uma das abordagens é analisar dificuldades e desafios na área agrícola, buscar soluções através de investigação-ação e, finalmente, disseminar produtos exitosos e testados oficialmente pelo Estado. Neste âmbito, a DIOBASS trabalha com organizações de agricultores em sete das 13 províncias de Burkina Faso. O que é importante, diz o secretário-geral Djibril Koura, é que o trabalho não seja exercido “de cima para baixo”. A DIOBASS trabalha com um programa participativo, fazendo dos camponeses e camponesas atores centrais.

Foi isso que também aconteceu depois da referida oficina, em que Salamata Ouédraogo participou em 2001. Quando diferentes grupos de trabalho foram criados, Ouédraogo sabia logo o que lhe interessava mais: a criação e manutenção de animais e, em especial, de galinhas. “Às vezes tinha só três galinhas por ano”, lamenta Ouédraogo, que hoje é a presidente do grupo de investigação “Wend Manegda” - o que, traduzido, significa “Deus nos protege”. Ela esforçava-se sempre para cuidar o melhor que podia das suas aves, estar atenta a doenças e criar os pintos. Mas, na verdade, nunca deu certo. Deste modo, sentiu um crescente desejo de um dia ter remédios eficazes contra as doenças mais comuns de aves de capoeira.

A criação de aves é apenas uma área de trabalho das organizações de camponeses. Enquanto antigamente a agricultura predominava, hoje em dia há um número crescente de agricultores que, adicionalmente, criam bovinos. Muitas vezes são só um ou dois bovinos para os trabalhos de campo e, às vezes, emprestam os animais a outros camponeses contra a cobrança de um valor fixo. Porém, quem se tornou rico ou próspero, consegue manter uma manada inteira. Problemas surgem quando um dos animais contrai a chamada Bourgoundi Yolsgo, como a varíola bovina ou o poxvírus é designado em more, a língua mais falada em Burkina Faso.

Um dos animais com essa doença encontra-se na aldeia Koungo. O dorso do animal apresenta peladas, onde antes tinha a pele branca e brilhante. Felizmente, um surto dessa doença é relativamente raro. Mas, quando assola um animal, a perda é enorme. Para um bovino grande, saudável e bem nutrido, o dono pode cobrar um preço de até 375.000 CFA (571,64 EUR). Em casos excepcionais, até 600.000 CFA (914,63 EUR). Mas um boi afetado pela varíola bovina só dá no máximo 200.000 CFA (304,87 EUR). A doença faz com que os animais percam muito peso. Mas, pior ainda: A doença é contagiosa e se não for tratada, o animal morre.

Para um criador de bovinos, como Issa Kinde, isso é um problema enorme. Kinde vive em Koungo e é presidente da Associação "Tege Wende", que está presente em três províncias e integra ao todo 33 grupos, cada um com 30 a 40 membros. "Não somos funcionários públicos", ri-se ele. "É por isso que os animais são para nós a caderneta de poupança e nos dão segurança. Por exemplo, se alguém da minha família adoecer, eu vendo um animal." Com o produto da venda, ele paga o médico e os remédios.

Os membros da "Tege Wende" não queriam mais conformar-se com perdas de animais, o que fez o grupo de investigação decidir: Há que encontrar uma solução própria para o poxvírus. Em ensaios sistemáticos com cinco plantas, planejados e realizados em conjunto com colaboradores da DIOBASS, identificaram duas plantas como sendo cruciais. Além dos componentes do baobab, as vagens da árvore Netetou revelaram ter uma importância decisiva. Inicialmente, só tomaram as vagens maduras, mas sem que alcançassem um efeito significativo. Por fim, foi uma observação atenta que trouxe o avanço. "Em certo momento misturamos algumas vagens que tinham sido picadas pelos pássaros, mas não comidas", explica Kinde. Demorou quatro anos até que, finalmente, encontrássemos um remédio.

Kinde acrescenta que também receberam conselhos dos fulas, um povo de pastores nômades que vive espalhado por toda a África Ocidental. A DIOBASS facilitou os encontros e viagens dentro de Burkina Faso. Com isso, os investigadores de Koungo conseguiram ampliar seus conhecimentos sobre criação de gado e gestão de pastos. Agora, não só sabem qual é a melhor maneira de tratar a varíola bovina, mas também como melhorar a higiene nas cercas e estábulos e que árvores é melhor evitar na pastagem dos animais, para evitar a infestação de carrapatos, os vetores da doença. O resultado é um gado mais saudável.

A uma distância de 30 minutos de automóvel da capital provincial Yako, encontramos Vincent Ouédraogo na sua roça que se situa entre a sua casa em Tinkoaguelga e a pequena cidade de Gomponsom. Aqui, o solo é fofo e solto, e agradavelmente flexível debaixo dos pés. Nem se compara com a terra em redor do seu campo, que é dura como uma pedra. Custa a acreditar que alguns anos atrás todos os campos eram assim. "No início não sabíamos qual é a melhor maneira de trabalhar a terra", ri-se o agricultor, que cultivava um lote de um hectare.

O terreno, que constitui a principal fonte de renda da família de oito pessoas, não é grande e, por isso, tem que ser utilizada da melhor forma possível. "Com a ajuda da DIOBASS, consegui muitas coisas", diz ele e, satisfeito, olha ao seu redor. Por exemplo, cercou o seu campo com pequenos muros de pedra laterita. Estes não só têm um aspecto arrumado, mas também a vantagem que impedem que chuvas fortes arrastem a terra fértil. Uma outra

técnica de cultivo que Vincent Ouédraogo aplica chama-se Zai. Abrem-se buracos na terra e estes são enchidos de adubo. Desta maneira, recupera-se a fertilidade do solo.

Mas o que mais o enche de orgulho são as árvores baghanga (*Pilistigma reticulatum*), apesar de darem um aspecto até um pouco desarrumado à roça. Porém, Vincent Ouédraogo plantou as árvores baghanga com toda a intenção. “A casca pode ser aproveitada para a construção de casas e a fruta serve de comida aos animais.” Também as folhas são ótimas para adubar a terra e a sua esposa as utiliza para fazer salsas. Desta maneira, Vincent Ouédraogo consegue tirar o máximo proveito do seu lote. Contudo, o plantio das árvores ainda tem uma outra vantagem. Contribuem para preservar a paisagem de parque que é tão típica para a região. Em outros lugares, ela já desapareceu. Hoje em dia, árvores úteis são plantadas sistematicamente, dado que já não crescem naturalmente, em virtude da degradação dos solos.

Esta reestruturação das roças e os produtos desenvolvidos parecem, ao princípio, nada espetacular. Em parte, é difícil imaginar por que remédios como Tao Tao, Sa-Yan podem ser tão eficazes contra as doenças de aves, ou por que o pó pode ter algum efeito contra a varíola bovina Bourgoundi Yolsgo. A divulgação ainda é incipiente. Em 2015, o grupo de investigação “Wend Manegda” vendeu ao todo apenas 2400 saquinhos com o remédio. Outros grupos também não apresentam altos números de venda.

Salamata Ouédraogo vê as coisas de forma diferente: “Nós vendemos. E isso é a prova de que os nossos produtos são bons.” O contributo decisivo é a cooperação com o Instituto Ambiental e de Pesquisas Agrícolas (Institut de l'Environnement et de Recherches Agricoles de Burkina Faso), que testou uma parte dos produtos e os considerou como bons. A eficácia dos produtos é algo que Ouédraogo vê todas as manhãs quando dá de comer às galinhas. Já não são só três, mas - consoante a estação - até 30 galinhas que vêm correndo quando ela as chama, esperando receber os seus grãos de milho miúdo. Deste modo, ela tem mais ovos, pode abater galinhas para uma festa, ou vendê-las se for necessário.

O fato de ela ter feito a investigação sobre estes produtos junto com outras mulheres, fortaleceu a coesão entre elas. Por exemplo, a “Wend Manegda” já gastou uma parte das receitas para organizar um almoço conjunto, o que tem efeitos positivos para a comunidade.

Agora é importante aumentar a articulação entre os diferentes grupos de investigação. Apesar de haver contatos e intercâmbios no âmbito das oficinas e feiras, é necessário ampliá-los ainda mais no futuro. Isso também melhorará a divulgação dos remédios e das inovações em Burkina Faso. Os conhecimentos coletados e desenvolvidos até agora já foram publicados de diversas maneiras pela DIOBASS. Agora seria oportuno criar um banco de dados digital, em parceria com outras organizações afins, sobretudo sobre as substâncias ativas das plantas e árvores investigadas, as suas interações e possíveis aplicações. Desta maneira, os conhecimentos ancestrais revalorizados e os novos adquiridos poderiam ser utilizados por muitas outras iniciativas. Ao mesmo tempo, seriam melhor protegidos contra as grandes empresas farmacêuticas, de modo a que as novas descobertas e o saber ancestral beneficiem em primeiro lugar os camponeses e camponesas africanos.

As experiências da DIOBASS mostram que há muitas formas diferentes com as quais se conseguiu preservar e ampliar o saber e os conhecimentos dos camponeses em Burkina Faso. O principal requisito é a abordagem participativa. Os participantes decidem por si mesmos as temáticas sobre as quais desejam conduzir investigação, como desejam

proceder e montar os ensaios. Deste modo, estimula-se a autoconfiança nas próprias capacidades e fortalece-se a solidariedade e a coesão do grupo. Ao mesmo tempo, isso constitui uma boa ligação dos saberes locais com a pesquisa moderna. Isso é confirmado pela cooperação com o INERA.

A abordagem integrada também contribuiu para o êxito das atividades. Em vez de se centrar em um único produto que gere o maior lucro possível, as atividades buscam combater as causas das doenças de bovinos ou aves, melhorar as técnicas de produção ou as condições da criação de animais. O que é ótimo é que os resultados realmente são acessíveis a camponeses com poucos recursos financeiros.

Isso é muito motivador. O agricultor Vincent Ouédraogo é o melhor exemplo disso. Inicialmente, tinha pouca experiência em agricultura e escassos recursos financeiros. Agora, orgulha-se das suas conquistas. Embora o dia-a-dia na roça implique muito trabalho, o seu nível de vida aumentou. Isso se deve ao seu espírito de empreendedor e ao seu entusiasmo por inovações. Também no futuro, estes o ajudarão a continuar desenvolvendo o “seu empreendimento”.

“Os componentes dos produtos estavam aqui, mas não sabíamos. A DIOBASS nos fez cientes disso. Temos a solução à porta, mas passamos por ela todos os dias, sem que a consigamos ver.”
Adamo Sawadogu, habitante de Koungo

A MINI-LEITARIA DE TAMBOLO

Um projeto da PASMEP, organização parceira da MISEREOR

A PASMEP apoia famílias de criadores de gado semi-sedentárias a intensificar a sua criação de animais, através do cultivo de forragens, a aumentar a produção leiteira, através do cruzamento de raças robustas locais e a comercializar a leite através de pequenas leitarias nos mercados locais. (www.pasmep.org)

Sempre quando Djedi Diallo tem tempo, ela senta-se debaixo do grande tamarindeiro que ornamenta o centro da sua aldeia Tomobola. De lá observa os rebanhos de gado bovino que passam pela aldeia. Às vezes acena afirmativamente com a cabeça, quando vê um animal especialmente bem nutrido. Esta mulher de 50 anos não consegue imaginar uma vida sem bovinos. “Asseguram a nossa sobrevivência”, diz ela que pertence à etnia fula.

Os fulas, ou fulani, constituem um dos maiores grupos étnicos da África Ocidental. Vivem entre o Atlântico e o lago Chade, e povoam uma área geográfica tão extensa como nenhuma outra etnia da região. Não obstante, praticamente não têm voz política. Isso se deve principalmente ao seu modo de vida. Até hoje, muitos fulas são semi-nômades; os pais e filhos se movimentam pela região com as suas manadas, às vezes gigantes, enquanto as mulheres ficam em casa com os idosos, as filhas e pequenas crianças e se ocupam das tarefas de casa e cuidam das vacas e vitelos.

Porém, com o rápido crescimento populacional na África Ocidental - a população de Burkina Faso, por exemplo, aumenta à taxa de 2,9% por ano e atinge hoje quais 19 milhões de habitantes - os conflitos pelos recursos cada vez mais escassos, se tornam cada vez mais frequentes. Os criadores de gado são criticados porque seus animais espezinham as roças dos agricultores sedentários e destroem as colheitas. Estes, por sua vez, queixam-se de que muitas das antigas áreas de pastagem foram transformadas em áreas de cultivo e que os antigos corredores de pastoreio deixaram de existir, tornando cada vez mais difícil o acesso aos bons pastos e fontes de água. Esta preocupação dos fulas, contudo, gera mais zombaria do que compreensão, porque frequentemente se diz: Um fula faria tudo pela sua vaca e até a ama mais do que sua esposa.

Na aldeia Tombolo, situada a uns dez quilômetros da capital provincial Pô, Djedi Diallo abana energicamente a cabeça, quando ouve esta afirmação. Os animais não são apenas algo de que se orgulha e que constitui capital. “Nós vivemos com eles. Quando precisamos de dinheiro, vendemos um bezerro e solucionamos os nossos problemas.” No entanto, a renda diária provém da produção de leite. Por isso, a organização parceira da MISEREOR, PASMEP (Plate-Forme d'Actions à la Sécurisation des Ménages Pastoraux) ajuda com a micro leitaria.

Desde a inaugurada em 13 de maio de 2015, a leitaria desempenha uma função central na comunidade. “Mudou a nossa aldeia”, afirma Mariam Diallo. Ela é presidente da união de mulheres da associação Zemstaaba (o que significa harmonia/mútuo entendimento), que é responsável pela gestão da leitaria. Além de Diallo, há mais cinco mulheres que trabalham na leitaria.

Duas mulheres tratam cada dia da recepção do leite cru e da fabricação do iogurte. O contabilista Salam Diallo anota a quantidade de leite que cada mulher entrega. A produção leiteira e o seu processamento é tarefa das mulheres. Em média, cada produtora fornece três a seis litros por dia. Há dias em que a quantidade de leite recolhido atinge 50 litros.

Segundo Mariam Diallo, a quantidade de leite aumentou desde o início do projeto. Antigamente, as vacas às vezes só produziam entre meio e um litro de leite. Sobretudo durante as épocas de estiagem quando a forragem era pouco nutritiva e escassa, a produção era baixa. “Hoje produzimos dois a três litros. E, em bons dias, até quatro litros”, diz Mariam Diallo, que tem 59 anos de idade. Acresce que na fase de arranque receberam formação em produção de forragens e aprenderam como a alimentação animal está relacionada com o rendimento leiteiro.

Um outro ponto que ela considera muito positivo foi o curso de alfabetização realizada em 2015 e de que participaram 30 mulheres. Estima-se que a taxa de alfabetização em Burkina Faso situa-se em cerca de 36 por cento, apesar de que este número será bem inferior entre os fulas. Sobretudo no passado, o seu modo de viver dificultava a escolarização. Mariam Diallo saliente que hoje em dia quase todas as crianças da aldeia vão à escola.

Quando está de serviço, ela passa, às vezes, o dia inteiro na micro leitaria, que compreende duas salas e um terraço coberto. As mulheres cuidam atentamente de que nenhum visitante leve sujidade para a leitaria. O terraço é varrido várias vezes ao dia e as mulheres aplicam de forma estrita as recomendações de higiene.

No interior ouve-se o zumbido do frigorífico a gás, em que se armazenam os iogurtes já prontos. A restante energia elétrica é fornecida por dois módulos solares. São requisitos

básicos para o funcionamento da micro leitearia. Como muitas outras aldeias nas zonas rurais de Burkina Faso, Tambola não está ligada à rede de energia elétrica, e também não é possível prever quando isso será o caso.

No passado, a falta de energia elétrica tem sido um argumento decisivo dos críticos da produção leiteira local. Dizia-se sempre que nem em Burkina Faso, nem em outros países da África Ocidental se podia produzir leite para a venda, por que não era possível manter as cadeias de frio. Consideravam a utilização de geradores demasiado caro e, por isso, não rentável, de modo que o leite local não podia concorrer com as importações da Europa. O projeto em Tambolo mostra que isso é possível numa escala pequena, contanto que o sistema de refrigeração for apropriado para as condições locais, as quantidades não forem demasiado grandes e os trajetos de transporte não forem demasiado longos.

Quando Mariam Diallo acaba a rotina matinal e por um momento nenhuma mulher vem entregar leite, ela volta a examinar as salas com os olhos. E um sorriso aparece novamente na cara desta mulher alta, que no início parecia mais reservada. A micro leitearia significa para ela maior qualidade de vida. "Antigamente sofremos muito", começa ela a contar. "Muitas vezes fomos a pé até Pô, transportando na cabeça o leite." Vendê-lo mal valia a pena e não compensava os esforços. Agora, a distância é para a maioria das mulheres só alguns cem metros. Também o horário de funcionamento flexível é muito prático.

Com esta construção a aldeia dispõe também um centro que pode ser utilizado para encontros e reuniões. Por isso, está equipado com bancos e cadeiras. Cinco pequenas lojas instalaram-se, entretanto, à volta da construção, onde se vende, por exemplo, chá, sabonete e café. Este desenvolvimento evidencia que os habitantes de Tambola dispõem de algum dinheiro em numerário.

Djedi Diallo, a cunhada de Mariam, se sente muito feliz pelo fato de que a micro leitearia lhe possibilita ganhar regularmente dinheiro, sem grandes esforços. Dado que a mãe de cinco filhos cuida das quatro vacas, ela também fica com os ganhos. Atualmente, duas vacas dão leite. Em dias bons, isso rende-lhe 2400 CFA (3,65 euros), o que é uma soma considerável para ela. Estima-se que em Burkina Faso 44,9 por cento da população vive debaixo da linha de pobreza. "Mesmo que tenho só um litro, sei que vou ganhar algum dinheiro", diz Djedi Diallo que se contenta de ter uma segurança que até agora nunca teve.

"Consigno pagar a propina escolar e comprar roupa e sapatos para os meus filhos. Às vezes até compro algo para mim", ri-se Djedi Diallo. Ela considera sumamente importante que as mulheres tenham dinheiro. "Em muitas coisas somos mais fortes que os homens. Nós podemos realizar planos que eles não conseguem. Nós pensamos em coisas que eles não se lembram."

Algumas vezes, uma das crianças recebe uma moeda de 100 CFA (15 cêntimos). Com este dinheiro pode-se comprar, por exemplo, um saquinho de iogurte processado em Tambolo. Quando têm 15 litros acumulados, começam a fazer um novo lote de iogurte. Um litro dá seis pequenos saquinhos que se vendem por 600 CFA. Um litro de leite custa 500 CFA. Até agora, as mulheres não conquistaram mercados maiores, nem estabeleceram contatos com comerciantes grossistas. Os habitantes de Tambolo e das aldeias vizinhas compram os iogurtes, explica Mariam Diallo. De vez em quando vêm clientes de Pô, a capital da província Nahouri. O que é benéfico à venda, é um cartaz colocada na rua, em direção à fronteira de Gana, que chama atenção para o projeto.

A micro leitaria mostra que é possível produzir leite e iogurte em Burkina Faso para o mercado local em condições atrativas. Com custos comparativamente baixos para a construção e a aquisição do frigorífico a gás e os módulos solares, pode-se alcançar grandes efeitos para uma aldeia como Tambolo.

Neste projeto, os fatores sociais são tão importantes como a própria produção. A micro leitaria tornou-se o centro da aldeia, o que apreciam sobretudo as mulheres da associação Zemstaaba. Sentem-se muito responsáveis pela gestão. Quando a leitaria funciona, muitas têm pela primeira vez na vida uma renda mais ou menos regular. Esta renda podem investir no sustento da família e, sobretudo, na educação dos filhos. As experiências adquiridas com a micro leitaria de Tambolo demonstram que os recursos e as potencialidades dos fulas podem ser exploradas exitosamente. Com medidas específicas como a produção de forragens, corte de feno e armazenamento aperfeiçoado, é possível aumentar significativamente a quantidade de leite produzido localmente. O objetivo a longo prazo é alcançar um rendimento de leite por vaca de 6 litros por dia o que se pretende alcançar mediante o cruzamento com bovinos Goudali do Norte da Nigéria.

Até agora, a comercialização tem se limitado às comunidades vizinhas da aldeia. A localização perto da estrada nacional oferece um potencial de que a comunidade de Tambolo deveria tirar proveito no futuro: um importante mercado fronteiriço encontra-se a uma distância de apenas 10 km. Aqui existe uma forte procura por parte dos viajantes. Também a capital provincial Pô apresenta potencial de mercado.

No entanto, o processamento local de leite tem ainda, antes de tudo, e como se vê no caso de Tambolo, um outro efeito importante: Gera autoconfiança e confirmação, o que precisamente para um grupo étnico frequentemente marginalizado é de extrema importância. "Antigamente pensei que o nosso leite era pobre em comparação com o da Europa", diz Djedi Diallo. Com a micro leitaria, a sua percepção mudou fundamentalmente: "Agora podemos transformá-la e fazer com ela o que queremos."

Ambos os projetos são excelentes exemplos do lema da Campanha de Quaresma: "O mundo está repleto de boas ideias. Deixe-as crescer." Deveríamos assumir esta atitude quando olhamos para a África e reconsiderar o modo como nós nos comportamos.

"Há três objetivos para a micro leitaria que devemos atingir: Devemos produzir mais e para tal necessitamos mais forragem. Devemos organizar-nos melhor em grupo e devemos constituir uma base sólida de clientes."
Kumbo Diallo, camponesa de Tambolo

A AGRICULTURA EM BURKINA FASO

A economia burquinense é predominantemente agrícola. A agricultura representa 38% da renda nacional e fornece uma subsistência a cerca de 80% da população em Burkina Faso. Algodão é o principal produto agrícola de exportação do país, e também o único exportado para o mercado mundial. Animais vivos, couro e pele bem como hortaliças e fruta, por seu turno, são exportados para países vizinhos da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO).

No clima semi-árido de Burkina Faso, os alimentos básicos como painço, sorgo, milho, mandioca e feijão frade são cultivados no sistema agrícola pluvial. A estação das chuvas

abrange só três meses no Norte seco e até 6 meses no Sudoeste mais húmido. Apesar de que os agricultores e agricultoras se deparam, desde os finais dos anos 60, com um clima que tende a tornar-se cada vez mais seco, as pequenas propriedades familiares conseguiram incrementar a produção nacional em 4% ao ano, desde 1980. Deste modo, a produção nacional de cereais mantém o ritmo com o crescimento populacional anual que é de 3%, aproximadamente. O aumento da produção se deve em primeiro lugar a uma ampliação das áreas de cultivo e só muito parcialmente a uma intensificação da agricultura. Mesmo assim, os desafios são enormes, uma vez que daqui a 35 anos haverá o dobro de pessoas a alimentar do que atualmente.

No mesmo período, os doadores internacionais - e em grande medida também organizações como a MISEREOR - aceleraram a criação de superfícies de regadio. Estas permitem aos produtores e produtoras locais produzir durante a estação seca, complementar a alimentação e gerar renda. Uma grande parte dos sistemas de irrigação (números de 2001) é utilizada para o cultivo de legumes e arroz. Mais de 400.000 pessoas, na maioria jovens e entre as quais umas estimadas 100.000 mulheres, ganham o seu sustento com o cultivo de frutas e legumes. Os legumes não são só produzidos para o consumo nacional, mas também para exportação. Dentro de poucas décadas, estabeleceu-se um importante ramo produtivo que responde por cerca de 11% da mais-valia agrícola.

Embora também a produção de arroz tenha passado para mais do dobro entre 1980 e 2007, os produtores e produtoras não conseguiram aumentar o seu potencial de produção, em resultado da concorrência das importações baratas da Ásia. Foi só quando os preços do arroz começaram a subir no mercado mundial, a partir de 2008, que a produção nacional de arroz começou a disparar. Até ao momento, a nível nacional, apenas 10% das áreas potencialmente irrigáveis (600.000 ha), são cultivadas. Esta tendência mostra o potencial da agricultura camponesa quando existem incentivos adequados e se promove a construção de pequenos sistemas de irrigação.

A produção de algodão continua sendo de importância estratégica para a economia burquinense. 325.000 das propriedades agrícolas cultivam algodão, maioritariamente nas regiões sudoestes do país. Uma grande parte dos produtores e produtoras cultivam o algodão em superfícies de só 1 ha. Insumos para a produção de algodão, assessoria técnica e a compra do algodão são organizados em um sistema formal. A produtividade de algodão registrou um crescimento contínuo desde a década de 1960. Estes êxitos baseiam-se em grande parte sobre 70 anos de investigação agrícola, mediante uma parceria com a França, que permitiu desenvolver variedades de algodão com fibras mais longas e excelentes propriedades de fição, e, ao mesmo tempo, aumentar a produtividade por área. Até hoje, só os produtores de algodão em Burkina Faso têm acesso seguro a insumos como sementes, adubos minerais e pesticidas. (Referente ao papel de algodão transgênico, veja: Peter Dörrie, Zurück zur Natur, WELTSICHTEN 5-2016, pág. 47-49)

A criação de animais é praticada em grande parte pelos fulas que representam 7,8% da população burkinabé. Com seus rebanhos mistos de gado bovino, ovino e caprino produzem também leite. Uma grande parte dos fulas já é semi-sedentária desde há gerações, quer dizer, praticam agricultura e se dedicam à criação de animais. Durante o período de cultivo, algumas cabeças permanecem nas aldeias, enquanto a maior parte do rebanho de gado se desloca em transumância para locais que oferecem melhores pastos durante a época chuvosa que vai, em geral, de junho a novembro. Dependendo de como for a época das chuvas, os pastores levam os rebanhos por rotas de pastoreio conhecidas, até regressarem

para as aldeias depois da safra. Conforme a estação de chuva, também se descolam com o gado para os países vizinhos de Burkina Faso. Os agricultores e os criadores de animais têm, desde há gerações, várias formas de cooperação. Os agricultores mais abastados confiam os seus bovinos aos fulas. Para além disso, os criadores e agricultores entram em acordo, no sentido de que os agricultores disponibilizam os resíduos da colheita aos pastores e seu gado. Com o recolhimento noturno do gado, o agricultor obtém fertilizantes valiosos para seus campos. A crescente densidade populacional, a transformação de áreas de florestas, pastos e importantes rotas de transumância em terras de cultivo, geram crescentemente conflitos entre agricultores e criadores. As formas mais intensivas de criação, tais como a engorda, a produção de leite e a criação de aves ocorrem sobretudo nas zonas urbanas, uma vez que aqui a procura de leite e carne costuma ser maior e as vendas são boas (ver abaixo: O setor leiteiro).

Adaptação e inovação

As alterações das condições-quadro têm colocado grandes desafios às propriedades agrícolas nas últimas décadas. Além do clima mais seco e da alta variabilidade climática, os agricultores e agricultoras se viam confrontados com uma crescente perda da fertilidade e erosão do solo. Estas são as consequências da redução progressiva dos períodos de pousio e da transformação de florestas e pastos em terras de cultivo. No decurso dos programas de ajustamento estrutural, implantados a partir dos anos de 1980 e 1990, os serviços agrícolas do Estado, como assessoria, créditos, disponibilização de insumos etc., foram gradualmente suprimidos. A renda advinda da agricultura teve que ser completada, nas últimas décadas, por outras fontes de renda como o pequeno comércio ou a migração sazonal, a fim de se proteger melhor contra quedas de produção e renda. Esta estratégia era necessária, porque cada fonte de renda por si só não oferecia condições para assegurar o sustento e os riscos tinham que ser minimizados.

Na agricultura e na criação de animais, os produtores e produtoras se viram deixados à própria sorte, com múltiplos problemas a solucionar, como por exemplo o controle de pragas, a saúde animal, o armazenamento, o beneficiamento e a comercialização dos seus produtos. Perante soluções que amiúde eram inacessíveis ou inviáveis, os camponeses e camponesas demonstraram uma enorme criatividade e engenho para desenvolver inovações próprias. Tudo isso ocorre longe das instituições de investigação agrícola. É certo que estas têm a missão de melhorar as práticas agrícolas ou pecuárias, no entanto, os pacotes tecnológicos que desenvolvem, geralmente destinados a aumentar a produtividade e concebidos para empreendimentos agrícolas mais vastos, não são acessíveis ou demasiado caros para propriedades camponeses pobres em recursos. MISEREOR apoia desde muitos anos dois projetos que ajudam os produtores e produtoras a desenvolverem soluções próprias.

Enquadramento da política de desenvolvimento

As estratégias de desenvolvimento apostam frequentemente em tecnologias modernas e investimentos na agricultura extensiva. Numa economia baseada na agricultura, como a de Burkina Faso, onde a maioria da população ganha a vida na e através da agricultura, cada projeto de desenvolvimento e cada investimento não deve ser medido apenas pela sua rentabilidade, mas também pelo número de pessoas a quem proporcionam uma fonte de renda ou meios de subsistência, seja através de atividades autônomas, seja através de um emprego formal.

A instalação de muitas micro leitarias permite a muitos burkinabé ter uma renda adicional e aumentar o seu poder aquisitivo. A instalação de uma grande central leiteira, com o apoio de investidores internacionais, por sua vez, provavelmente só criará um número limitado de empregos formais. Ao mesmo tempo, existe o perigo de que se estabeleçam estruturas monopolistas no setor leiteiro e que pequenas leitarias descentralizadas e os seus numerosos pequenos fornecedores sejam afastados do mercado.

Para desenvolver a agricultura, os governos africanos recorreram no passado frequentemente, e ainda continuam a fazê-lo hoje, a tecnologias modernas provenientes da investigação agrícola. Estas opções porém, têm pouca relevância para a maioria das pequenas propriedades agrícolas. Os camponeses e os criadores de gado itinerantes como os fulas já provaram ter o potencial de desenvolver soluções inovadoras por eles próprios, conforme evidenciam o grande número de "abordagens de investigação com e por agricultores". Para que os camponeses e criadores tenham algum proveito da investigação agrícola, é preciso que ela se centre em abordagens desenvolvidas com participação ativa dos atingidos.

Quando um elefante e um camelo trabalham juntos na roça, esta será grande.

A produção de leite em Burkina Faso: Ninguém menciona os fulas

Em Burkina Faso, um país com 10 milhões de vacas e cerca de 19 milhões de habitantes, a produção de leite, as condições e os preços no produtor são também um tema controverso. A produção de leite é importante para os pastores tradicionais do povo fula (ver supra). Contudo, com o fim do regime das quotas leiteiras na Europa, uma quantidade cada vez maior de leite em pó está invadindo o mercado mundial e também o mercado local. As importações de leite em pó de Burkina Faso montam a um valor anual de aproximadamente 130 mil milhões de francos CFA, o que equivale a uns 198 milhões de euros. Acrescenta que só em Burkina Faso as importações de leite em pó enriquecido com gordura vegetal aumentaram nos últimos cinco anos para mais de cinco mil toneladas. O governo de Burkina Faso pretende fomentar o setor leiteiro nacional com verbas milionárias que serão investidas sobretudo em duas grandes regiões do país: nos arredores da capital de Uagadugu e da cidade de Bobo-Dioulasso. Está previsto que cerca de 250 milhões de litros de leite são produzidos lá. O programa do governo inclui também a construção de duas grandes centrais leiteiras em Koubri, na região de Uagadugu e na região de Bobo-Dioulasso - as quais devem tornar-se as bacias leiteiras (bassins laitiers) do país.

Preocupa-nos, em particular, que as terras tradicionais dos fulas no norte e no leste do país não são consideradas nos planos do governo. E são precisamente os fulas que necessitam de melhores perspectivas de renda e trabalho.

Entre os fulas já existem numerosas iniciativas interessantes, como a instalação de micro leitarias que devem e podem constituir-se em um elemento importante na luta contra a pobreza.

Se o arbusto é bom, o leite é abundante (provérbio dos fulas)

Todavia, precisamente estas iniciativas estão ameaçadas pela política agrícola e comercial europeia e seus Acordos de Parceria Económica que a UE visa celebrar com os Estados da CEDEAO.

Os Acordos de Parceria Econômica (APE) com a Europa e o mercado leiteiro em Burkina Faso: Uma interação devastadora

Após mais de 15 anos de negociações árduas, a União Europeia e a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) concluíram as negociações sobre um acordo de comércio livre, designado de Acordo de Parceria Econômica (Economic Partnership Agreement - EPA). Este deve substituir o livre acesso ao mercado que a UE concedia desde os anos 70 sem qualquer contrapartida aos 78 países ACP (na maioria antigas colônias em África, nas Caraíbas e no Pacífico).

As negociações foram motivadas pela incompatibilidade das preferências comerciais da Convenção de Lomé com as regras da Organização Mundial do Comércio (OMC). Nove exportadores de banana da América Latina apresentaram queixa por não terem livre acesso ao mercado, com isenção de direitos aduaneiros, tal como o tinham os países ACP.

Através da conclusão de acordos recíprocos de comércio livre, reconhecidos pela OMC, pode-se assegurar o acesso livre aos mercados da UE, embora à custa de que os países da CEDEAO também abram seus mercados ao mercado europeu.

Desde o início das negociações, os APE são criticados por parte das sociedades civis africanas e europeias; mas também muitos governos têm uma visão crítica sobre os acordos. A Nigéria e a Gâmbia recusam-se a assinar o APE dos países CEDEAO com a UE. Por isso é que o debate sobre a assinatura pelo Parlamento Europeu foi adiado para novembro de 2016.

Um ponto de crítica é que a EU, obviamente, atribui maior importância ao objetivo comercial de facilitar o acesso ao mercado e assegurar o abastecimento de matérias-primas aos preços mundiais do que aos objetivos de desenvolvimento. Isso evidencia-se pelo fato de ter sido a Direção-Geral Comércio da Comissão Europeia que conduziu as negociações, e não a Direção-Geral Cooperação Internacional e Desenvolvimento.

O que significa isso para o setor leiteiro?

A principal questão controversa recaía sobre quais os produtos a serem excluídos ou não dessa liberação dos direitos aduaneiros.

O acordo planejado prevê agora que os estados da CEDEAO podem cobrar direitos aduaneiros sobre aproximadamente um quarto dos produtos. A que grupos de produtos isso se aplica é uma decisão que, pelo menos oficialmente, cabe unicamente aos países da África Ocidental; estes, porém, tinham que primeiro chegar a um acordo entre eles. Contrário à Comunidade dos Países da África Oriental, a CEDEAO decidiu agora em relação ao setor leiteiro, de só não aplicar a redução dos direitos aduaneiros a produtos frescos como leite e iogurte. Referente ao leite em pó e ao leite em pó enriquecido com gorduras vegetais, os direitos aduaneiros devem ser abolidos dentro de poucos anos.

Desta forma, o potencial do setor leiteiro para o combate à pobreza é minado. Não é de todo improvável que o lobby da indústria láctea europeia tenha tido parte nesta decisão. Atualmente, ela procura reforçar os investimentos no processamento do leite na África ocidental e adquirir empresas africanas ou participações. Assim, as grandes leitarias europeias conseguiriam um melhor acesso a um mercado de escoamento importante - e as suas filiais na África receberiam a matéria prima de leite em pó a um preço um pouco mais favorável.

O preço do leite em pó nos supermercados em Burkina Faso em comparação com o do leite de Burkina Faso. "Deveria haver uma política que promovesse todo o setor leiteiro, para que todos os produtores de leite possam aumentar a sua produção e obter um bom preço. Isso é impossível quando leite em pó barato da Europa vem concorrer com a nossa produção nacional", diz Korotoumou Gariko, pioneira das micro leitarias em Burkina Faso. "Hoje, o leite em pó que encontramos por toda a parte em pequenos saquinhos nos mercados e nos quiosques, só custa a metade do que o leite local. O leite produzido a partir de leite em pó e gorduras vegetais da Europa custa o equivalente a 34 cêntimos, o leite local entre 76 cêntimos e 1,10 euro por litro."

Quem fica a perder são os pequenos produtores de leite da região. Não conseguiram impor que a sua reivindicação de longa data, a saber uma maior proteção em face das importações da Europa, fosse atendida. Pelo contrário, os direitos aduaneiros para produtos provenientes da UE serão completamente abolidos, o que vai ser consagrado no âmbito dos APE. Deste modo, uma solução como na África Oriental, onde foi possível integrar os pequenos produtores e produtoras e nômadas na cadeia de valor, por meio de direitos aduaneiros elevados, fica praticamente fora do alcance.

"Eles querem transformar-nos de produtores em consumidores." René Millogo, coordenador da PASMEP, uma organização parceira da MISEREOR que apoia a instalação de micro leitarias.

"As relações comerciais entre a Europa e a África - predomínio europeu, como sempre!"

A Europa desbarata uma oportunidade irrecuperável de redesenhar as relações para com os países africanos

A União Europeia enquanto maior potência econômica do mundo, representando quase um terço do volume comercial de mercadorias e serviços, conseguiu, muito subtilmente, penetrar nos mercados de uma série de países não-industrializados que, representando só 1% do comércio mundial, pertencem aos países mais pobres do mundo. Que bênção para o potente comércio europeu!

No intuito de reprimir as resistências na África, a Comissão usa e se abusa de medidas de pressão, que vão desde ultimatots até à ameaça de abolir o acesso preferencial ao mercado da União Europeia para países que não fazem parte dos países PMD (países menos desenvolvidos).

O "colete-de-força APE", como o diretor do jornal Le Monde Diplomatique, Ignacio Ramonet, o descreve tão bem, exerce grande pressão sobre os países africanos. Os "Acordos de Parceria Econômica" nunca mereceram menos esse nome que hoje, dado que não têm nada a ver com parceria ou com um acordo celebrado em pé de igualdade.

Os acordos não são parcerias, nem "instrumentos de desenvolvimento", como alega a Comissão Europeia ou a sua Direção-Geral Comércio. Os APE privam os países africanos signatários de milhares de milhões de receitas aduaneiras. Ao mesmo tempo, reduzem

significativamente a sua margem de manobra para configurar o seu desenvolvimento, uma vez que os países são forçados a fazer comércio nas condições ditadas pela Comissão e sem consideração da sua situação econômica real e das suas próprias necessidades e prioridades. As exportações africanas continuarão sujeitas às regras de origem rigorosas da Europa.

Então, qual é o benefício ou a vantagem dos APE para o desenvolvimento africano, se não contêm mais nada senão o que a Europa já concede aos PMD desde há mais de 40 anos?

Ao impor os seus modos de trabalho e suas condições, a Europa perde a oportunidade única de construir uma nova relação para com os países africanos que, finalmente, relegaria ao passado a predominância europeia em relação à África, construída no século XIX. Isso é lamentável, é deplorável.

JULGAR

NOVAS IDEIAS ESTÃO CRESCENDO - NÃO O VÊS?

1º Ver o novo com um novo olhar - "estou fazendo uma coisa nova, não o percebeis?"

A questão da situação na África e, nomeadamente este ano, da situação das famílias camponesas em Burkina Faso, nos remete, antes de tudo, a nós mesmos. Duas perguntas se colocam: "Como vemos?" e "Que vemos?"

A solução está todos os dias ao alcance dos olhos, mas passamos ao lado dela, sem a ver." *Provérbio dos Mossi*

No Livro do profeta Isaías, Deus pergunta ao seu povo: "Eis que faço uma coisa nova! Já está despontando, não o percebeis? Sim, abro uma estrada no deserto, faço correr rios no sertão." (Is 43,19) Depois de anos de exílio na Babilônia existe uma saída, um caminho para a liberdade, um caminho para casa. Aparentemente, o povo primeiro tem de se aperceber disso. Podemos acostumar-nos às coisas como são, aos caminhos já batidos, às percepções e preconceitos habituais, mesmo que impliquem falta de liberdade, alienação e desarraigamento. Subitamente, aparece algo novo - não o percebeis?

Como vemos a África? Será que é da maneira como Horst Köhler escreveu em 01-07-2007 em um artigo do Frankfurter Rundschau: "Aqui, na Alemanha, temos o hábito de associar a África quase automaticamente à pobreza, à corrupção, à doenças e também à guerra. Tudo isso existe, infelizmente. No entanto, é tempo de olhar com mais atenção e pôr de lado todos os clichés." É isso que as palavras do profeta nos encoraja a fazer. Trata-se de um olhar novo sobre a África: para além dos nossos preconceitos e clichés, para além das nossas imagens que são produto da colonização e de séculos de percepção "branca" deste continente. Este novo olhar talvez nos ajude também a ver a "outra África": não apenas aquela das enormes catástrofes veiculadas quase diariamente pelas mídias, mas sim a dos agricultores e agricultoras em Burkina Faso, com a sua força, o seu engenho, a sua criatividade, a sua perseverança, o enorme trabalho de adaptação às mudanças climáticas e ao crescimento populacional e a sua vontade de viver. Com o novo olhar descobriremos

"pessoas íntegras" que tomam as rédeas da sua vida, contra todas as adversidades do Sahel.

2. "Não se desenvolve, mas desenvolvemo-nos" (Joseph Ki-Zerbo)

Esta citação de Joseph Ki-Zerbo, escritor, político burkinabé, laureado com o Prêmio Nobel Alternativo, indica a direção: São as próprias pessoas que se desenvolvem. Para tal, "a chave está na cabeça", diz ele.

"Juntos perseguiremos a ignorância e a fome" Maurice Oudet, Padre Branco e parceiro da MISEREOR desde há muitos anos

A teóloga Anne Béatrice Faye do Senegal, que hoje trabalha em Burkina Faso, chama a isso "dormir na própria esteira" ou: A "esteira do desenvolvimento endógeno". Na linguagem da Bíblia, isso significa: Bebe a água da tua cisterna, e das vertentes de teu poço." (Pr 5,15)

**Aquele que dorme em uma casa, melhor sabe onde o telhado está roto.
Provérbio dos Mossi**

No Novo Testamento isso aparece na Parábola dos talentos dados aos homens. É verdade que os talentos não são dons que devemos enterrar, pelo contrário, devemos fazê-los multiplicar. Os talentos, os dons se tornam tarefa. (ver Mt 25,14 ss.) Para Anne Béatrice Faye é aí que reside o potencial contributo da África para o desenvolvimento do mundo. O dom atribuído às populações da África é o "primado das relações sociais." "Se as sociedades africanas muitas vezes souberam lutar exitosamente, isso se deve sobretudo à sua capacidade de recorrer à riqueza das relações humanas." "Por via de regra, não passa de "uma vida simples, mas rica em relações." Anna Béatrice Faye está longe de idealizar esta vida. Porém, sabendo que o mero crescimento econômico não é solução, ela sustenta que: "são a autolimitação e a simplicidade que asseguram uma relação justa das pessoas consigo mesmo, com o todo social e com o meio ambiente." Na aceção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável recém formulados, poderíamos constatar que, com respeito a este ponto, nós, os europeus, somos um país em vias de desenvolvimento. De acordo com a ONU, todos devem desenvolver-se segundo os critérios de sustentabilidade. O debate sobre como queremos viver nesta Terra, é um debate que diz respeito a nós todos, em todo o mundo. Todos os países podem apresentar êxitos e devem admitir derrotas. Todos podem dizer o que a vida lhes oferece e qual o preço a pagar por isso. O desenvolvimento é necessário e possível em toda a parte e a chave para isso está na cabeça.

3. Deixe-as crescer!

Das forças e dos recursos que os burkinabé têm, pode crescer algo novo e próprio. O novo pode ser completamente novo ou também o resgate do saber ancestral, indígena, repassado de geração para geração, que é aplicado de uma forma nova. Este saber é o resultado de processos de muitos anos de tentativa e erro em que se reúnem diferentes formas de conhecimento: o saber tradicional e a investigação agrícola moderna. O importante é que estes se encontrem em pé de igualdade e que busquem enriquecer-se reciprocamente. Nem tudo dá logo certo. Os agricultoras e agricultoras da Bíblia fizeram esta experiência também. Junto com a boa semente cresce muitas vezes também a erva daninha ou até o joio que sufocam o trigo. No princípio, é difícil distinguir claramente entre a semente boa e o joio. Por isso, Jesus diz: "Deixai que ambos cresçam até à ceifa." (Mt

13,30). Depois, a erva daninha será queimada e o trigo recolhido ao celeiro. O mesmo aplica-se às boas ideias e inovações. Há que deixá-las crescer, separar as que não servem, continuar desenvolvendo as que são viáveis e fazer assim progredir o seu próprio desenvolvimento.

"Viver é escolher. Daí a necessidade de compreender para poder fazer escolhas apropriadas e depois agir." Maurice Oudet, Padre Branco e parceiro da MISEREOR desde há muitos anos.

4. "A terra onde corre leite e mel"

As numerosas pequenas inovações são, no espírito da Bíblia, passos rumo a uma sociedade nova e justa. A Bíblia advoga por não pensar demasiado pequeno sobre o ser humano, mas sim a dar voz aos grandes sonhos da humanidade e a trabalhar com tenacidade na sua realização. No Antigo Testamento, a sociedade justa é representada pela terra "onde corre leite e mel" (Dt 26,9). A economia bíblica presume que há o suficiente para todos. "O Senhor é meu pastor, nada me falta." (Sl 23,1) "A terra deu seus frutos" (Sl 67,7), e trata-se de não viver contra a natureza, mas sim com ela e suas condições e repartir os bens equitativamente.

Ainda se vê o capim do ano passado e já brota o novo. Provérbio dos fulas.

É por esta razão que Maurice Oudet, missionário da África, vê o ser humano como "guardião da Terra". A sua missão é cuidar e cultivar a terra que lhe foi confiada. Por isso, o primeiro dom de Deus ao ser humano é a inteligência que este deve utilizar. Com a inteligência, o ser humano consegue, mesmo em condições inóspitas, criar um espaço para viver em dignidade. O bom jardineiro não trabalha contra as condições impostas pelo clima, pelo solo, pela pluviosidade ou pelas possibilidades de irrigação. Ele aprende a descobrir as riquezas da sua terra e a conviver e trabalhar com elas. Anne Béatrice Faye chama a isso "convivialidade" (uma forma de convivência do ser humano e da Criação que respeita as especificidades de cada um e que desenvolve um modo de existência para todos). Este é o ponto forte da cultura africana.

Nesta perspectiva, um novo mundo é possível. "Nós, de acordo com a sua promessa, esperamos *novos céus e nova terra* em que mora a justiça." (2Pd 3,13) E o teólogo congolês Boniface Mabanza diz: "A justiça só pode ser para todos", para as pessoas da África, para as pessoas da Europa, para as pessoas do mundo inteiro. O novo mundo de Deus abre um futuro para os seres humanos, mas também para a própria terra. Agora ainda ouvimos o clamor da terra e o clamor dos pobres. (Papa Francisco, Laudato Si, 49) Não serão deixados de ser ouvidos. No final "... a morta já não existirá, nem haverá luto nem pranto nem fadiga, porque tudo isso já passou. Eis que renovo todas as coisas." (Ap 21,4 s.)

"Aqui não sou mais que um humilde porta-voz de um povo que, tendo visto morrer passivamente seu ambiente natural, se recusa a morrer." (Thomas Sankara, presidente de Burkina Faso de 1983-1987 na primeira Conferência pela Proteção da Árvore e da Floresta (SYLA), a 5 de fevereiro de 1986 em Paris)

5. De ciscos e traves

E nós aqui na Europa? Muitos vêem os erros na África, mas será que também vêem os erros da Europa? Jesus usa uma imagem bastante radical para esta atitude: "Como podes dizer ao irmão: Irmão, deixa-me tirar o cisco do teu olho, quando tu não vês a trave que há no teu?" (Lc 6,42) E não temos nós, os europeus, suficientes traves nos olhos: a longa história das colônias africanas que até hoje não foram indenizadas, o tráfico de escravos, o landgrabbing e a exploração dos recursos, ou a exportação de armas e de produtos agrícolas, de roupas de segunda mão e de lixo para a África? O tratamento dos refugiados da África que batem à nossa porta. E, por fim, também o nosso estilo de vida que afeta sobretudo os pobres e que sufoca a terra?

Em Burkina Faso, impede-se que a população solucione seus problemas. Não podem realizar seus potenciais e ideias. Isso tem causas estruturais que resultam da história do país e das relações de poder e interesses nacionais. Mas também deve-se atribuir uma co-responsabilidade à política de atores internacionais como a UE. O povo de Burkina Faso lutou com grande empenho por um novo começo com um governo democrático. Cabe à comunidade internacional apoiar e assegurar este começo, através de um "dividendo democrático", para que as grandes expectativas não sejam frustradas.

Sem descair na atribuição de culpas unilaterais ou falsas, decerto há motivo suficiente para interrogar-nos sobre o papel da política europeia e sobre a conversão em nossas vidas. Há que tirar a trave do nosso olho, para vermos mais claro; para mudarmos a nossa percepção do mundo e, com isso, também a nossa consciência; e, por último, o nosso modo de agir com e para os africanos e africanas. E talvez, quem sabe, esta nova perspectiva nos faça avançar também aqui, na Europa. Isso também é um objetivo da Campanha de Quaresma.

"A vida abundante" (Jo 10,10) foi prometida a todos nós, sem distinção. Para tal precisamos também a sabedoria da África, para que chegarmos à terra que "mana leite e mel".